

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA?

"Quem ama cuida, não deixa morrer"
Nicholas Malebranche

1. A DOR DO ARTISTA DAS PALAVRAS: SOLIDÃO E MEMÓRIA SOCIAL À LUZ DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ao mito da tartaruga de Zenão de Eleia contrapomos o do caranguejo da praia de São Pedro de Moel, que dá um passo através, em nome da sua ancestral legitimidade e dois à frente, pelo que progride sempre, pelo batida pelas crítica dos Outros. Mas será que a filosofia é um caminho e um caminho só, numa estrada que não tem fim ou então seja um beco sem saída. Muitos professores, pela minha perspectiva, preferem os alunos não entendidos na sua teoria, mesmo a sua teoria pessoa, para escolherem os mais politicamente corretos face à sua bibliografia, ao seu currículo. Tudo depende da sua idiossincrasia. Então, a mais antiga universidade é a de Fez ou a Academia de Platão? Antes disso, temos os peripatéticos. E no império núbio terá havido, decerto, segundo julgo, uma universidade. E, então, o que nos dá a filosofia senão um monte de palavras, palavras e ,mais palavras, sem fundamento algum científico? É desesperante, porque a filosofia não resolve problemas, adia-os *sino tempore*. Para mais, quem não é filósofo admira-se do status existencial e circunstancial que a actividade confere, mas acha que também pode fazer filosofia de um dia para o outro, sem passar pelo crivo da reflexão, ou seja, a filosofia na verdade é para todos mas muitos tanto a admiram quanto estão sempre prestes a ridicularizá-la, por razões diversas que têm fundamentalmente a ver com o facto de que não a consideram enquanto ciência, ou seja, a ideia de que a filosofia carece de factos. Na maior parte dos casos, é simples ignorância da história da filosofia ou a ideia de que ela foi "ultrapassada" pelas ciências sociais e humanas, pela literatura, no relato da experiência do humano ou da condição humana... De resto, quais as doenças

próprias do filósofo, que se entrega voluntariosamente à floresta da especulação e reflexão? As doenças pulmonares? A solidão, a depressão, por ter descoberto o segredo da vida? E qual será esse segredo? Podes ter várias designações, desde já um que é religiosa, ou seja, o Santo Graal, mas há outros, desta vez não religiosos, como o segredo da e-terna juventude, o exilir que faz retroceder o tempo e a sua acção no sujeito. Uns, como outros, permitem intensifica (até ao desgaste do rebentamento interior) a experiência humana, permitem elidir da experiência humana essa mesma experiência que nos ensina que a felicidade está nas coisas simples, a ilusão de que da experi~encia humana é possível e passível erradicar a doença, a depressão, a esquizofrenia e a psicoti-cidade, não julgando que uma coisa leva à outra, que uma mão lava a outra, desde que haja um pouco de lavagem das mãos, ou seja, meditação e Pilates...

2. PESSIMISMO VERSUS SIMULACROS: A VANTAGEM DE CÁ

Roger Scruton falava, em "As Vantagens do Pessimismo", da ideia de que a melancolia e a negatividade nos podem conferir uma visão realista das coisas, pessoas, ideias e relações e, na concepção básica de que para haver otimismo é necessário o pessimismo. Na verdade, seguindo outro autor, Jan Baudrillard, a vida, pelo menos nese lado atlântico do globo, obedece cada vez mais a simulacros, ou seja, a própria teoria da vida é uma ilusão, uma narrativa, uma encenação em teatro nas vielas de uma cidade europeia ou mesmo na "abrasada" e derrotada Nova Orleães. Na minha experiência enquanto antropólogo aprendiz de filosofia tenho notado que toda a cção humana remete para a capacidade que temos ou não para aprender com os nossos erros no palco da nossa biografia, a tal "one shot opportunity" de que fala o cantos de rap Eminem, ou seja, a vida é uma corrida, uma tirada, uma bandeirada de táxi mais ou menos longa, mais ou menos consciente ou instrutiva. Nada mais, apenas ummais ou menos *dazzling glimpse* na poeira cósmica, no universo interestelar, por isso as variedades da experiência de que fala William James são oportunidade flagrante de nos acocorarmos sobre a nossa vida, como e o vento viesse detrás e nos tivéssemos de reconciliar connosco mesmos pretegendo uma criança no colo numa tempestade de areia...

Na verdade, quando vês este mundo e o efeito que faz no teu mundo bem intencionado, intencionalmente percebes o efeito danoso de uma certa filosofia para ti e para os outros e interrogas-te, à maneira de Montaigne, de que vale a pena ser Bom se a sociedade não te concerta a ti e aos teus pensamentos? Optas então por ser paciente e perder de vista o longo prazo da filosofia e não

te entregas tanto, como o fez Cristo; nem és tão filósofo assim nem tanto cientista social assado... É este o conselho (concerto) que eu tenho para os jovens que queira ser alguma coisa, um *glimpse*, do que eu fui e vou sendo.

3. QUANDO O BANAL É VITAL: PÓLIPOS DO SER E A PERDA DA DIMENSÃO ESTÉTICA NUMA ESFERA COSMOPOLITA

Enquanto não percebemos os mecanismo da mente e da realidade, enquanto não somos antropólogos, somos filósofos ou sociólogos, ou seja, o tipo urbano-depressivo predomina em nós. E perde-se uma dimensão estética na técnica, no desenvolvimento humano, no eros do banal...ideias que se notam antes num Benjamin do que num Baudrillard, ou seja, tanto a vitória como a derrota futebolística ou estatutária, mesmo a do casino, revertem para um certa arte do fazer que, enquanto muitos guardam para usar, outros desperdiçam porque o seu papel social está esgotado, talvez por abuso de um papel ficcional. Assim, podemos ver este surto de gripe COVID-19 como um fenómeno social total de carácter não agonístico, ou seja, é não-convencional, quase ocidental e não visa a celebração de nada a não ser dos médicos e serviços públicos que ora curam as pessoas ora se mobilizam para garantir serviços mínimos (transporte, saúde, alimentação) nas comunicações, nos hospitais, nos supermercados...Esta perspectiva é mais do que baudrillardina ou camusiana, é mais digna de um sociólogo como mafessoli, só para citarmos um nome.

Mas...será que o antropólogo é um novo Cristo? Será que ele está disposto a dar a vida pelos seus, pela comunidade que estuda? Enfim, qual a validade social de um antropólogo, de um filósofo, de um sociólogo. São questões importantes, estas. E, não será que o filósofo precisa de descer do seu pedestal conceptual, de enfrentar o sinédrio, de falar aos doutores como Cristo, um verdadeiro antropólogo, talvez o primeiro de todos, não contando com os gregos e alguns romanos? Não será socialmente útil, intervencionista, pôr estas ciências e a filosofia ao serviço do povo (Zambrano), sendo que tal não é uma ciência de esquerda nem de direita? Talvez, quanto um e quanto outro, estão demasiados interessados em agradar a todos, a gregos e troianos, a espanhóis e portugueses. Esta é a questão do ponto de vista moral, os aquarianos são assim, os Vítores são assim, tal como São Victor de Braga. É a tentação do todo, do fenómeno social total estudado por gerações e gerações de antropólogos. Ora, chegou a vez de tanto uns quanto outros tomarem partido, porque enquanto, pelo menos no contexto académico português, os filósofos são quase todos de direita (não só porque os monges, frades e padres sempre fizeram ora Teologia ora Filosofia) enquanto os antropólogos são quase todos de esquerda, e nem todos querem ou afirmam querere star entre os mais desfavorecidos. Enfim, questões de carreira académica, quando a universidade da vida tem, para muitos, mais legitimidade do que a outra, no âmbito contextual de um registo mais ou menos jornalístico.

4. CINEMA ESPIRITUOSO: UM CAMINHO A PARTIR DO TÉDIO PELO REINO DO BANAL

Num certo sentido, estamos na presença de uma epidemia bastante pedagógica, que nos ensina a como lidar com o mundo que aumenta de complexidade, coisa que talvez aumente com o tempo. Ou será o contrário, quando as viagens no tempo são possíveis e passíveis de serem feitas, não só através do cinema mas da espiritualidade, por exemplo? Portanto, como manter a sanidade mental e sentimental numa epidemia como esta, numa situação de emergência social, de estado de emergência? Usar o chique-espertismo a toda a hora? Isso desgasta. Como ir trabalhar, já que precisamos de o fazer para, legalmente, comprar comida? Porque são poucos os filósofos portugueses como Zizek, Baumann ou mesmo Sloterdijk, bem...talvez um Nuno Nabais, um José Gil, um Carrilho...um Quintais, que na verdade faz apenas antropologia, só que não é de campo, é de hospital. O homem errante, que conheceu como que por vislumbre o Deus na adolescência, levou-o consigo até às portas do marxismo, descobre, então novamente esse mesmo Deus, precisamente esse mesmo Deus na forma de Cristo já quase velho, porque precisa, a biografia é realtiva mas esse sujeito não deixa de olhar para ela e para esse Deus que se descobre pela manhã em cada dia subsequente à sua dúvida e angústia existencial que carregou durante anos como um saco de pedras marinhas, como quem acrega o Diabo às costas...

5. O FRANCISCANISMO ENQUANTO FILOSOFIA ECOLOGISTA: RAZÃO E CORAÇÃO EM DUAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS

O verdadeiro grande herói é, a meu ver, não aquele que faz filmes, que é actor, mas aquele que sabe ser actor social, ou seja, esotericamente planteando na esfera da vida social em comum um esforço que respeita o Outro (Goffman, Habermas, Ricoeur). Então, onde fica a arte? A arte é diáfana, não fica em lugar algum senão fora do caixão do artista morto. Neste sentido, creio que o franciscanismo é a primeira filosofia ecológica de que há memória. Nas anteriores civilizações a nós não há memória de tal coisa, a não ser em alguns autores árabes. A concepção de harmonia com os animais e a natureza está na origem dos mais recentes partidos políticos de extrema esquerda e direita que promovem esses ideais, como o nosso PAN, só para dr um exemplo. E, enfim, o su-jeito (ao *seu-jeito*) passa a ouvir vozes dissonantes quando se detém entre árvores frondosas e aquilíneas (Heidegger, "Caminhos da Floresta"; Escrivá de Balaguer, "Caminho") e abundam as referências a obras com o caminho por modelo, o mar por modelo, quando no fundo, **sub-jacente-mente** (sub-jactante), o que está em causa, **pat-ente**, é o sentido nos termos de direcção, nem que partamos apenas das "Regras para a Direcção do Espírito". Por outras palavras, o que está subjacente é o que está debaixo daquele que jaz, ou mesmo ele mesmo, o que jaz, está subjacente à superfície, **sub-jaz...**

6. FORA DE ÂMBITO DE PERTINÊNCIA E PERTINÁCIA: O sujeito de *O Timeu* e *O Homem Revoltado*

Temos, então, a noção de Mundo e a noção de Homem. O Homem de hoje está revoltado, bem procura explicações para a sua revolta. Mas, a revolta tem de ser explicada? Ela não é manifestação animal, natural e pura da *natura naturans*? Só mesmo a filosofia ocidental para a explicar racionalmente, porque Osho propõe outra solução, longe das teorias de Watslavick, ou ser: ser testemunha, não intervir, o que vem de encontro à teoria da relação entre teoria e práxis. De resto, poderíamos pensar na sequência de Cícero e Epicuro: "porque é que as pessoas se agarram à vida?". Sim, porque se agarram, este mundo tem assim tão interesse? Além do mais, somos mortais, todos sabemos que um dia vamos morrer, que se vai operar um deslocamento do nosso espírito face ao corpo. Porventura, encontraremos outro corpo, móbil e veículo orgânico a que o espírito se acomode. Então, chegamos ao ponto principal da nossa argumentação: terá sido o vírus COVID-19 criado em laboratório? E com que fins? Para fazer enriquecer certas pessoas à custa da morte de outras? Não é a minha especialidade a teoria das conspiração, mas nem toda a gente consegue pensar e desenvolver esta hipótese.